

O corpo em Michel Henry: da afecção para a corpopropriação

*The body in Michel Henry:
from affection to bodyproprietation*

Autora: Maristela Vendramel Ferreira*

Resumo: Michel Henry utiliza o termo corpopropriação referindo-se ao corpo próprio que, por intermédio de uma relação encarnada e sensível com a natureza, a transforma e, nesse processo, além de transformar o mundo, se apropria e transforma a si mesmo. Contudo, como o Eu se assenhora da afecção da vida em si? Como passa do tema da afecção, daquilo que incorpora em passibilidade, sem o seu querer, para a corpopropriação, onde se apropria de si e se envolve na própria afecção, como maestria de si, como fortalecimento do ego, como saber-fazer, como criatividade, como gesto pessoal? Michel Henry não desenvolveu esta passagem, transpondo subitamente da autoafecção, da doação da vida, para o assenhoreamento da vida em si, a corpopropriação. Para a clínica psicológica, é de fundamental importância a compreensão desta passagem, pois poderia auxiliar no entendimento e no trabalho com pacientes que, em angústia, passam ao ato, à ação descontrolada, muitas vezes com consequências desastrosas e perda da própria vida. Portanto, o objetivo dessa investigação, numa interlocução interdisciplinar entre Filosofia e Psicologia, é discutir como se daria a passagem da afecção de si para a corpopropriação de si.

Palavras-chave: Corpo, Corpopropriação, Michel Henry.

Abstract: Michel Henry uses the term bodyproprietation referring to the own body which, by means of an incarnated and sensible relationship with nature transforms it and, in this process, besides transforming the world, appropriates and transforms himself. However we can question how the I take possession of the life affection in himself? How he passes from the theme of affection, that he incorporates in passivity, without his will, to the bodyproprietation, whereas he appropriates himself and get involved in his own affection as mastery of self, as ego strengthening, as know-how, as creativity, as a personal gesture? Michel Henry did not develops this passage, suddenly transposing from the self-affection, from life donation to the possession of life by the self, the bodyproprietation. This passage is very important to the psychological clinic, because it could help in the comprehension an in the work with patients whom in anguish go to the act, to the uncontrolled action, many times with disastrous consequences an even loss of the own life. Therefore, the objective of this investigation, in an interdisciplinary dialogue between philosophy and psychology, is to discuss how would be the passage between the affection of self to the bodyproprietation of self.

Keywords: Body, Bodyproprietation, Michel Henry.

*Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da USP, Mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUCSP, Ph.D. pela *University of Southampton* – Inglaterra, Pós-Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia de USP, Bolsista CAPES/PNPD do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: maristelavf@hotmail.com

Introdução

Michel Henry publica, em Paris, em 1963, sua inovadora obra de ontologia fenomenológica, *L'essence de la manifestation* (Henry, 1963). Nela, propõe os fundamentos ontológicos do humano, para o ser do fenômeno, submetendo a Ontologia à Fenomenologia. Investiga o significado do Ser do ego, o real sentido do *Je* (Eu), ou *moi* (mim), e sua constituição. Trabalha a noção de fenômeno como o que se manifesta não somente no horizonte da visibilidade e transcendência, como também o que os torna possível, ou seja, a invisibilidade e a imanência. Considera que o Ser do ego tem seu fundamento naquilo que originariamente permite a ele ser ele mesmo e manifestar-se: a autoafecção da vida em si, coincidente consigo, reveladora de si, prova de si. Propõe, nesse sentido, que a essência da manifestação refere-se a um modo original de revelação imanente, uma experiência interna singular da presença a si mesmo e da vida em si, por meio da afetividade. Em suas palavras: "a forma da essência na qual a essência é afetada não por alguma outra coisa, mas por si mesma, de tal forma que essa afecção original como autoafecção, como sentimento de si, constitui a afetividade e a define". Ela é a "essência da revelação originária" (Henry, 1963, p. 578), da ipseidade, e, como tal, como afecção de si, revela e constitui o Ser do ego. Posso dizer "Eu" ou "mim", pois sinto-me: sentindo, movendo, vendo, ouvindo, pensando, intuindo, amando, odiando.

Henry (1963) prossegue posicionando a passividade como fundamental para a compreensão da estrutura da imanência e, conseqüentemente, do modo como nos constituímos. Em passividade, a vida nos afeta. Nesse processo, revela a si mesma e possibilita que cada um de nós se prove como singularidade, como si mesmo. Somos passivos no sentir, vivos na vida, advindos da vida, intrinsecamente atados à vida, e impossibilitados de nos desfazer de nós mesmos, da vida em nós e de nossos sentimentos. Constituímos-nos como nós mesmos neste processo. A experiência de si mesmo é vivida passivamente como sentimento de si (Henry, 2012)^h, e revela-se por meio do afeto, do pathos, no corpo. Essa passividade faz de nós vulneráveis, ou seres da passibilidade. A passibilidade ou vulnerabilidade originária, paradoxalmente, nos confere o poder, aqui e agora, de sermos nós mesmos, vivos na Vida, singulares, e podendo, encarnados, exercer nossos poderes e nossa criatividade originária (Winnicott, 1975)ⁱ.

Esse é um paradoxo relevante na Fenomenologia de Henry, pois o poder sentir e ser afetado, ao invés da fraqueza, nos permite experimentarmos a vida em nós; nos apropriarmos dela em nosso corpo, na relação com o outro e com o mundo —

corporeopropriação —, e nos permite exercermos nossos poderes e criar, sendo nós mesmos.

Portanto, a vida nos afeta e, simultaneamente, somos prova dela e nela nos provamos, nos exercemos e criamos, encarnados (Henry, 2001). Como pontua Florinda Martins (no prelo): "todas as afecções do corpo são experiências transcendentais de mim." Nessa afecção da vida, estamos desprotegidos, desamparados, doados a nós mesmos no excesso da vida em nós, na violência da autoafecção.

À esta vulnerabilidade ontológica da passibilidade — do não poder ou poder do sentimento^s, que pode gerar angústia pelo excesso de vida, imprevisibilidade, incontrolabilidade, e que incorporamos nas afecções sem o nosso querer —, Henry oferece três destinos possíveis: a passagem ao ato^t, a corporeopropriação e a arte, como apontam Antúnez e Martins^u neste dossiê.

A passagem ao ato é frequentemente encontrada na clínica contemporânea, gerando dificuldades no trabalho clínico e reais perigos aos pacientes (Mayer, 2001) e às pessoas de seu convívio. Dejours (2014) comenta o surpreendente olhar clínico de Michel Henry em **Encarnação**, quando este descreve a Fenomenologia da passagem ao ato como último recurso para descarregar a angústia. Henry relata que, no confronto do poder e do não poder, inerente à nossa constituição, a angústia cresce vertiginosamente e "[...] ao querer evadir-se de si, e ao embater de encontro à impossibilidade de o fazer, presa a si, a possibilidade de poder experiência–aprojectada sobre si mesma, *quer dizer, ao mesmo tempo, sobre o poder que a torna possível*. Lança-se nele, como sua única saída, a única possibilidade que lhe resta, e passa ao acto" (Henry, 2000, p.209).

Contudo, Michel Henry, em suas obras literárias **O filho do rei e O cadáver indiscreto**, mostra a insuficiência e o fracasso da passagem ao ato para lidar com a angústia^v. No desespero de libertação de um fardo insuportável da vida, aumenta-se mais ainda a destruição e a barbárie, como no caso do suicídio.

A outra possibilidade, além da simples reação descontrolada que caracteriza a passagem ao ato, é o envolvimento do Eu na própria afecção, a corporeopropriação. Nosso corpo é o lugar no qual se processam as afecções que ocorrem na relação com o mundo, com o outro e com a vida em nós. Incorporamos essas afecções em uma abertura intrínseca ao mundo, à natureza e ao outro. Incorporamos, quer queiramos ou não, tudo que chega até nós: sons, imagens, toques, sensações térmicas, cheiros, que podem ser sentidos como excesso, falta, incômodo ou bem-estar. Incorporamos também o que nós mesmos criamos internamente: afetos advindos de alterações bioquímicas — como, por exemplo, a depressão relacionada às alterações hormonais —, afetos advindos de ideias conectadas ou não com a realidade —

^h Sentimento de esforço como coloca Maine de Biran e discutido por Henry.

ⁱ Criatividade originária — conceito utilizado por Winnicott.

^s A esse respeito ver Martins (2014b).

^t A passagem ao ato e a corporeopropriação são discutidos em um caso clínico no artigo Ferreira & Antúnez (2014).

^u Ver Antúnez & Martins (nesta obra).

^v Antúnez & Martins, nesta publicação.

penso sobre um limão, sinto sua acidez na imaginação e salivo —, ou ideias que tentam explicar os afetos existentes e geram outros afetos.

Entretanto, aquilo que se deu em mim sem o meu consentir, o que foi incorporado, pode ser por mim apropriado. Para Maine de Biran, a possibilidade de acolhimento ou escape de uma sensação ou sentimento, sejam eles quais forem, só é viável se o eu estiver presente, pois "é do interior da vida que vivo a apercepção imediata do meu viver na vida" (Martins, 2014a, p. 70). Esta apercepção, que Biran denomina *compos sui*, enfatiza o aspecto ativo da passibilidade do sentir, acentuando mais a possibilidade de ação do que o padecimento de uma paixão.

Henry (2012a), na esteira de Maine de Biran, utiliza o neologismo corporepropriação, referindo-se ao corpo próprio que, por intermédio de uma relação encarnada e sensível com a natureza, a transforma e, nesse processo, além de transformar o mundo, se apropria e transforma a si mesmo.

Nesse sentido, a teoria da cultura^w, proposta por Henry (2012a) em **A Barbárie**, estaria relacionada à necessidade de colocarmos sob nosso domínio, como maestria, aquilo que vem a nós como excesso e desamparo.

Contudo, Martins (no prelo) ressalta que, mais do que maestria no sentido de domínio, está o saber-fazer, o saber como dever-fazer, e a própria criatividade relacionada ao sentir a afecção e ao agir a partir dela corporeproprioado. Comenta, ainda, como o próprio Michel Henry procura na arte outra saída para o "insuportável do sofrimento e da angústia". Em **A Barbárie**, a estética é apresentada como uma forma sensível de expressar, por meio da pintura, música, literatura e mesmo da ciência realizada pelo critério da arte, como "somos afetados pelo que nos trespassa e, ao mesmo tempo, em excesso nos habita e circunda". Mas aqui, novamente, o trabalho artístico resulta da maestria em transformar o que é incorporado em corporeproprioado, não só como domínio de si e da técnica, como também possibilidade de criar e expressar de modo particular o que afeta o artista como si mesmo e como representante do humano.

No entanto, como o Eu se assenhora da afecção da vida em si? Como passa do tema da afecção, daquilo que incorpora em passibilidade, sem o seu querer, para a corporepropriação, onde se apropria de si e se envolve na própria afecção, como maestria de si, como fortalecimento do ego, como saber-fazer, como criatividade, como gesto pessoal^x? Michel Henry não desenvolveu esta passagem, transpondo subitamente da autoafecção, da doação da vida, para o assenhoreamento da vida em si, a corporepropriação.

Para a clínica psicológica, é de fundamental importância a compreensão desta passagem, pois nos daria subsídios para trabalhar, por exemplo, com pacientes que, em angústia, passam

ao ato, à ação descontrolada, muitas vezes com consequências desastrosas e perda da própria vida. Como ocorre a corporepropriação, o assenhoreamento de si, o saber-fazer, o viver criativo a partir de si?

Portanto, o objetivo dessa investigação, numa interlocução interdisciplinar entre Filosofia e Psicologia, é discutir como se daria a passagem da afecção de si para a corporepropriação de si.

O ego e a corporepropriação

Michel Henry (1998) diferencia o Eu (*Je*) do eu (ego). O Eu (*Je*) é definido como o "Si gerado na Ipseidade originária da Vida, enquanto acusativo" (Henry, 1998, p. 139). Ele é fenomenologicamente engendrado e constituído na Vida, fruindo de Si e advindo a Si na autoafecção de sua Ipseidade na Vida, de modo passivo, por meio da afetividade. Desta maneira, continuamente autoafetado, o Eu (*Je*) é gerado na Ipseidade da Vida absoluta e se torna um eu (ego). Nas palavras de Henry,

Fruindo-se na Ipseidade da Vida, toma posse de si e de cada um dos poderes que o habitam. Tomando posse destes poderes, pode exercê-los. É-lhe conferida uma nova capacidade, não menos insólita do que a primeira visto ser uma sua consequência. É a capacidade do *eu tomar posse de si*, de se unificar com tudo o que o eu acarreta consigo e que *lhe* pertence como múltiplos componentes do seu ser real. O poder de se apossar, de se mover, tocar, impressionar, resolver, automover os membros, os olhos, etc. Há também os poderes do espírito: formar ideias, imagens, o poder de querer, etc. Não há diferença na natureza entre esses poderes, visto que uns e outros pertencem ao eu porque *são este eu*. É na fruição patética de si que o eu coincide com cada um destes poderes. Porque o eu coincide com estes poderes pode exercitá-los. Só se torna possível agir, exercer cada um desses poderes que compõe o seu ser, pela posse do eu, isto é, na tomada de posse da cada um destes poderes ou na tomada de posse de si. [...] E é isso que caracteriza e define o ego: estar na posse e usufruto destes poderes. (Henry, 1998, p. 140).

Portanto, o ego só é possível a partir do Eu, gerado, autoafetado e fruindo de si na Vida. O eu entregue a si mesmo, na Ipseidade da Vida e só nela, torna-se o centro, a fonte, o habitáculo de uma multiplicidade de poderes e atos que pode efetivar, sempre que *lhe* aprover. Transforma-se de passivo em ativo. "[...] 'Poder' significa: não a designação exterior de um simples poder particular, mas o facto de *estar na posse de uma potencialidade que reside nele e dele depende para, a qualquer momento, passar a acto*. (Henry, 1998, p. 142).

Estar na posse da potencialidade é uma dádiva do Eu gerado

^w Henry (2009), em *Genealogia da Psicanálise*, discute vida e afetividade segundo Nietzsche, que pensa a cultura como domínio e orientação da força, da vontade de poder.

^x Sobre criatividade e gesto pessoal ver o capítulo II de Safra, G. (2004). *A poética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.

na vida e que permite ao ego *passar ao ato*. Aqui, diferenciamos a passagem ao ato pelo excesso e pela insuportabilidade da angústia, determinado pela violência da afecção e pela fragilidade do ego, da ação corporeopropriada. Esta consiste na capacidade de agir a partir de um Eu apossado de si. Nesse sentido, o ato passa de mera reação à angústia ou ao desespero para ato criativo, gesto pessoal, um saber-fazer e como fazer.

O agir corporeopropriado não ocorre subitamente. Dá-se no processo de desenvolvimento e constituição do si mesmo, e em relação com a vida em si, o outro, a natureza, os embates da vida cotidiana — que demandam um enfrentamento e exercício do ego —, o trabalhar. Este processo dependente do corpo orgânico, pois corporeopropriamos com as possibilidades e limites do nosso corpo que nos são peculiares, e que podem transformar-se pelo envelhecimento ou pela doença e pelo hábito.

Em trabalho anterior (Ferreira, no prelo), é abordada a audição e sua perda na perspectiva da ontologia fenomenológica de Michel Henry. Ele evidencia que, na raiz dos nossos sentidos, neste caso o ouvir, está o poder puro da subjetividade, da vida em nós. Embora ontologicamente tenhamos esse poder *a priori*, ele não poderá provar-se na ausência de experiências auditivas. Para que essas experiências se realizem, é necessário um corpo biológico, com um sistema auditivo capaz de receber e processar sons. De outro modo, este será um poder não realizado ou pouco realizado, pela ausência ou insuficiência de incorporação e corporeopropriação da audição.

A partir da reflexão sobre a audição e sua perda, explicitou-se que os limites orgânicos afetam a encarnação, não subvertendo seu modo ontológico de realização como proposto por Henry, mas revelando as particularidades desse processo a cada indivíduo. As peculiaridades e características de incorporação e corporeopropriação ocorrem a partir de aspectos ônticos da vida de cada um: a configuração de seu corpo orgânico afetado por fatores hereditários ou ambientais. Temos, contudo, muito a investigar sobre a relação das características do corpo próprio individual em sua relação com o meio, e como as alterações orgânicas e ambientais — não apenas aquelas que afetam o corpo biológico diretamente, como também aquelas que modificam ou estabelecem padrões afetivos particulares — que podem abalar ou delinear a constituição do Si, dando-lhe contornos individuais e podendo comprometer o processo de corporeopropriação, resultando ou não em doença.

Nessa direção, a teoria do amadurecimento de Winnicott (2000) tem muito a contribuir no diálogo com a Fenomenologia da vida, pois ele enfatiza a relevância do ambiente na constituição e no desenvolvimento do si mesmo, principalmente no início da vida. Ele ressalta que

Um ambiente ruim é ruim porque, ao deixar de adaptar-se, transforma-se numa intrusão a qual o psicossoma (ou seja, o bebê) terá que reagir. Essa reação perturba a continuidade do seguir vivendo do novo indivíduo. No

início, o bom ambiente (psicológico) é na verdade físico, com a criança no útero ou então sendo segura e cuidada de um modo geral. (Winnicott, 2000, p. 334).

A noção de corpo de Winnicott (2000) alinha-se à Fenomenologia de Henry. Winnicott confere ao corpo um papel fundamental em sua teoria da constituição do si mesmo. Por meio de seu conceito de *psicossoma*, estabelece a conexão entre corpo e psique. Nas palavras de Winnicott

Eis aqui um corpo, sendo que a psique e o soma não devem ser distinguidos um do outro, exceto quanto a direção desde a qual estivermos olhando [...]. Suponho que a palavra psique, aqui, significa elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas, ou seja, da vitalidade física. Sabemos que essa elaboração imaginativa depende da existência de um cérebro saudável em funcionamento, especialmente de certas partes do mesmo. A psique, entretanto, não é sentida pelo indivíduo como localizando-se no cérebro, ou em outra parte qualquer. (Winnicott, 2000, p. 333-334).

Ao afirmar que o bebê é o psicossoma, Winnicott não diferencia, da mesma maneira que Freud, entre o corpo e a psique, ressaltando a importância dos cuidados e da sustentação do ambiente, pois o "verdadeiro eu e o continuar a ser tem como base, na saúde, o desenvolvimento do psicossoma" (Winnicott, 2000, p. 345). Paineira (2002) reitera que, para Winnicott, o si mesmo constitui-se a partir da elaboração imaginativa das funções corporais, sendo a psique fundada no corpo e não existindo fora dele.

Paineira (2002) comenta que a elaboração imaginativa das funções corporais permite que a criança sinta seu corpo como sendo cada vez mais próprio. Por meio desta elaboração, o verdadeiro *self* encarna-se, habitando seu corpo e percebendo-o como próprio. Ao excluir a distinção entre corpo-mente em detrimento da relação psique-soma, Winnicott reformula, em outros termos, essa relação, de modo que, quando há algum tipo de cisão entre psique e soma, alguma patologia está presente (Ferreira, 2010).

Em **Filosofia e Fenomenologia do Corpo**, Henry (2012b) afirma que somos seres do hábito e que o nosso corpo é uma "experiência interna transcendental" que se constitui "em um saber imediato de si". Acrescenta que

Ser um indivíduo é ter com o mundo uma relação absolutamente original, e isso não em virtude de uma decisão ética, no fim de um esforço deliberadamente empreendido... A originalidade do modo segundo o qual me relaciono com o universo é uma necessidade ontológica, é inerente à estrutura ontológica do hábito. É porque a minha maneira de sentir o mundo é a experiência mesma que tenho da minha subjetividade, que é

dada só a mim, na experiência interna transcendental do ser originariamente subjetivo do meu corpo. (Henry, 2012b, p. 134).

Essa originalidade advém das características do corpo biológico de cada um, e das vivências e das repetições de experiências que ocorrem para cada pessoa em seu ambiente, e das relações peculiares desde o nascimento. A vida pulsa e se repete em nossos batimentos cardíacos e movimentos respiratórios. Também no cotidiano, desde bebês, somos tratados e cuidados em atividades repetitivas, mesmo que o que se repita seja a confusão, a intrusão ou a privação. Nosso corpo é instituído por hábitos e pela memória. Uma memória que não é da ordem da representação, mas do corpo próprio. Nas palavras de Henry

Assim, é porque o corpo é memória, uma memória, é verdade, na qual a ideia de passado ainda não aparece, que ele pode ser também uma memória que se recorda do passado, fazendo deste o tema de seu pensamento. A memória originária de nosso corpo é o hábito, nosso corpo, como dissemos, é o conjunto de todos nossos hábitos (Henry, 2012b, p. 127).

É por intermédio da afetividade e dos hábitos do corpo, estabelecidos pela repetição, que gradualmente se forma, desde o nascimento, a noção e o conhecimento do corpo próprio e da existência.

Considerações Finais

Podemos pensar que, quando o conhecimento do próprio corpo e da existência, constituídos afetivamente no corpo por intermédio de hábitos, se realiza em um ambiente insuficientemente bom — em época precoce da infância, na qual o bebê ainda tem o objeto como subjetivo —, pode estabelecer-se uma noção de si pouco vinculada à realidade, com distorções psicóticas. Em um ambiente nocivo, a criança tende a isolar-se e desenvolve, como aponta Winnicott "cada vez mais uma organização defensiva para repudiar a intrusão ambiental" (Winnicott, 2000, p. 310). Isso significa que ela pode, repetidamente, autoafetar-se e corpopropriar-se no isolamento defensivo, pelos seus próprios conteúdos de sofrimento inicialmente vividos. No caso desta criança, em sua relação totalmente original e singular com o mundo que se apresenta hostil e não atende às suas necessidades, o processo de corpopropriação fica enredado e aprisionado neste sofrimento inicial, em sua repetição e autoalimentação geradas por este isolamento.

Se o ambiente se torna mais favorável, existe a possibilidade de a criança retomar seu processo de desenvolvimento e, talvez, relacionar-se mais com este ambiente. Nesse sentido, a corpopropriação também pode desenvolver-se como processo, pelas novas possibilidades de experiências que são realizadas e

apropriadas pelo Eu, e que geram novos hábitos e novas memórias corporais. Devemos considerar este aspecto na clínica psicológica, pois a apropriação que o Eu faz de si, no seu agir, constituindo-se e fortalecendo o seu ego, somente ocorre por meio de experiências corpopropriadas que possibilitem a criação de novos hábitos, não somente pensamentos que vão integrando-se como memórias corporais de si mesmo. O psicoterapeuta e a relação terapêutica, nesse sentido, podem ser os ambientes mais favoráveis que proporcionem a possibilidade de a criança poder vivenciar e corpopropriar-se de si, indo além de suas defesas, tendo um contato maior com a realidade e podendo habitar mais integralmente seu corpo⁷.

A passagem da afecção para a corpopropriação, portanto, é processo que envolve o corpo subjetivo, com suas características orgânicas próprias, sejam elas herdadas, adquiridas por doenças ou transformadas na relação com o ambiente. Depende também das repetições das afecções que ocorrem nas diferentes vivências, seja na angústia, no prazer, no embate com a realidade, com o outro, com o mundo ou com a natureza. Por meio delas, o si mesmo pode provar-se em seu agir, crescer-se de si e aprender, em aprendizado vivo e afetivo, a assenhorar-se de si e a criar.

Referências

- Dejours, C. (2014). O corpo entre psicanálise e fenomenologia da vida. In Antúñez, A.E.A., Martins, F. & Ferreira, M. V. (Orgs). *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta.
- Ferreira, F.B.G. (2010). *Uma compreensão winnicottiana sobre as noções de soma, psique e mente como referência para o entendimento da integração psicossomática*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas.
- Ferreira, M. (no prelo). Michel Henry e os problemas da encarnação: o corpo doente. In Dossiê: A fenomenologia da vida de Michel Henry e a psicologia clínica. *Revista de Psicologia da USP*.
- Ferreira, M. V. & Antúñez, A.E.A. (2014). O corpo na clínica da modalização do afeto. *Humanística e Teologia*, 352(2), 145-162.
- Henry, M. (2012a). *A barbárie*. São Paulo: E-Realizações.
- Henry, M. (2001). *Encarnação: Por uma Filosofia da Carne*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Henry, M. (1998). *Eu sou a verdade*. Tradução Florinda Martins. Lisboa: Veja.
- Henry, M. (2012b). *Filosofia e Fenomenologia do Corpo. Ensaio sobre a ontologia biraniana*. São Paulo: É Realizações.

-
- Henry, M. (2009). *Genealogia da psicanálise: o começo perdido*. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: UFPR.
- Henry, M. (2000). *Incarnation. Une philosophie de la chair*. Paris: Seuil
- Henry, M. (1963). *L'Essence de la manifestation*. Paris: PUF.
- Martins, F. (2014a). A volúpia e o incômodo na configuração da certeza. In Antúnez, A.E.A., Martins, F. & Ferreira, M.V. (Orgs). *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta.
- Martins, F. (2014b). Fenomenologia da vida: o que pode um sentimento. In Antúnez, A.E.A., Martins, F. & Ferreira, M.V. (Orgs) *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta.
- Martins, F. (no prelo). Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida. *Dossiê: A fenomenologia da vida de Michel Henry e a psicologia clínica. Revista de Psicologia da USP*.
- Mayer, H. (2001). Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In Cardoso, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Painceira, A. J. (2002). Hacia una nueva teorización del psicoanálisis a partir de la "intuición fundamental" de Winnicott. *Psicoanálisis APdeBA*, Vol. XXIV (3), 2002.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria a Psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

^y Questões referentes ao habitar o corpo, o corpo inacabado e desencarnação parcial são tratados no artigo de Ferreira (no prelo).